***

Uma menina caminhava lentamente e cabisbaixa pela marginal. Na cabeça muitas trancinhas que terminavam em missangas cor-de-rosa. Vestia uma camisete branca com uma joaninha desenhada no peito e uma saia de tule cor-de-rosa.

- Joaninha, estás cansada? Andas mais devagar que uma tartaruga! Não estás contente com a nossa festa de um de Junho? – A voz era de um menino que apareceu a correr por trás dela. Estava vestido de roupas de uniforme escolar e não levava nenhuma merenda para a festa.

A menina animou-se com o entusiasmo do coleguinha e acelerou o passo, mas como não estava com vontade de correr, deixou o coleguinha correr e continuou a sua caminhada solitária.

Trazia na mão um plástico azul com uma tigela onde alternava a mandioca e a banana cozidas como lanche. Neste 1 de Junho, o capricho adicionado pela mãe, para a festinha na escola, tinham sido duas garrafinhas de refresco *fizz*[1], um saquinho com *matago*[2] e meia dúzia de bolinhos de côco. Ela estava feliz com o lanche que, como habitualmente, partilharia com o seu amiguinho Fred. Parou e sentou-se a olhar para o rio dos Bons Sinais.

---

1 Marca de refresco Moçambicano.

2 Flocos de arroz, tipicamente da Zambézia, feitos artesanalmente com arroz recém-colhido da machamba.

- Ainda estás aqui sentada? Vamos embora. – Era o Fred que tinha voltado.

- Fred, olha bem para o rio? Como achas que saiu de Inhambane e veio passar por aqui antes de desaguar no mar? – Ela estava a lembrar-se de ter lido no seu livro que aquele rio localizava-se em Inhambane. - Quantas voltas deu este rio?

- Qual é a importância disso agora? Hoje é dia de brincar e festejar, e, não de falar de coisas da escola. - Respondeu, o menino, puxando a amiga pelo braço. – Vamos! Estás a demorar muito.

Joaninha levantou-se e correu com o amigo em direcção à escola.

O barulho de música alta estava cada vez mais próximo. Tinha chegado a escola e ouvia-se uma das músicas de *Surage*[3] nas colunas que os professores tinham montado no campo da escola:

"*Odho bania?*

Danfunna dimuvenhiye Marieta

Odho bania?

Dabunó dimutidilé cunhada…

[3] Nome de um cantor popular da Zambezia

Odho bania?

Danfunna dimuvenhiye Marieta…

Odho bania?

Dabunó dimutidilé cunhada…"

Lembrou-se do seu tio Ito que estava sempre a dizer que aquilo não era música para crianças.

Os meninos corriam de um lado para o outro, rindo, felizes. Joaninha chegou à sua sala de aulas, da sexta classe, Turma B, da EPC Patrice Lumumba, e na porta, encontrou a professora Inês a fiscalizar os lanches de cada aluno que chegasse. Na porta com ela estavam alguns outros professores, sentados a volta de um *Colman*[4], com gelo e latas de bebida alcoólica. A professora Inês seleccionava os lanches mais interessantes e colocava por cima do *Cólman*.

Quando todos os meninos da turma de Joaninha já estavam na sala, a professora Inês disse:

-Juntem as carteiras para formar uma mesa comprida e arrumem os vossos lanches no meio das mesas para partilharem entre vocês.

[4] Termo utilizado para referir-se a caixa térmica, normalmente quadrada ou rectangular, usada para conservar frias as bebidas em outros produtos. Corruptela da palavra *cool man*.

- Professora, eu não estou a ver a minha comida. – Reclamou, Arlete, choramingando.

A professora repreendeu a menina:

- Menina Arlete, os meninos não devem ser egoístas e devem comer um pouco de tudo que estiver na mesa, sem se preocupar com o que trouxeram de casa. - A professora disse ainda que a isso chamava-se socializar, para conhecer outros pratos e empatia para saber como se alimentam os colegas da turma nas suas casas. Depois, a professora Inês saiu e deixou Joaninha e os seus colegas a organizarem o seu dia da criança como conseguissem.

- A professora levou nossas comidas. Estas coisas não vão chegar para todos nós – Resmungou, Arlete, nada convencida pelas palavras da professora. – Eu quero minha comida.

Arlete estava prestes a chorar quando chegou a mãe de Abdul com um grande *bolo de creme* e *chamussas*[5] para todos. A mãe do Abdul tinha sido eleita mãe de turma, e tinha trazido aquelas coisas para alegrar a todos os meninos.

- Boa tarde, meninos.

- Boaaaa tardeeee sénhooora mããeeee… - Responderam, felizes, antecipando a gostosura do bolo.

- Onde está a professora Inês? – Perguntou, a mãe.

---

[5] Especialidade de origem Indiana constituída por fritos de forma triangular, feitos com massa de farinha de trigo recheada com peixe/ carne/ vegetais e especiarias.

- Saiu um pouco. – Respondeu, Arlete, a mais faladora da turma. – Mas ela disse que não é preciso esperarmos por ela para comer.

Joaninha sorriu. A professora não tinha dito coisa alguma. A sua coleguinha não queria que a professora voltasse e se apoderasse também das *chamussas* e do bolo.

- Então vamos lá. Sentem-se nos vossos lugares que eu vou dividir este bolo para chegar para todos.

O bolo que a *mãe-turma* tinha trazido para eles chegou para todos e até deu para todos repetirem.

- Ainda bem que "*sô psora*"[6] não está aqui. – Murmuravam uns com os outros, enquanto se deliciavam do bolo, das *chamussas* e do refresco que tinham sido distribuídos.

Depois de comerem e brincarem, sem que a professora voltasse, a *mãe-turma* ordenou aos meninos que fossem para casa, pois começava a escurecer. Quando ela própria se retirava, viu os professores animados, a dançarem na sua própria festa, sem qualquer preocupação com o que se passava nas salas de aulas, com as crianças.

Enquanto Joaninha caminhava de volta para casa com um grupo de colegas que eram seus vizinhos, uma viatura passou por eles, aos saltos por causa dos buracos, e parou alguns metros a frente. Era o carro vermelho do seu tio que vivia em Mocuba. Ficou feliz e surpreendida porque não esperava

[6] Corruptela de *Senhora Professora*.

vê-lo naquele dia. Correu em direcção ao carro, seguida pelos seus coleguinhas:

- Tio Itooo!? - Gritou feliz, ao chegar a porta do carro.

- Olá, Joaninha. Entrem, vou levar-vos para casa. – Disse o tio, sem sair do carro

- Este carro é muito bonito. Quando eu crescer, vou ter um igual. Gosto muito de carros e gosto da cor vermelha também. – Disse Fred, maravilhado, enquanto entrava no carro.

- Este carro não é vermelho, é verde. – Disse Aninha, a menina que era considerada mais inteligente da turma porque decorava tudo que vinha nos livros.

– Não é verde nada. É vermelho. – Insistiu Fred.

- Antes esta cor era vermelha mas agora eu vi no livro que a cor vermelha agora é verde. – Respondeu Aninha, muito segura de si.

Todos os colegas discutiam com Aninha pois era a única que achava que o carro era verde. Convencida de que tinha razão, porque tinha lido no livro naquele mesmo dia, propôs que perguntassem ao dono do carro, de certeza ele como dono e, ainda por cima, mais velho, ajudaria a esclarecer aos colegas.

- Tio Ito, o seu carro é verde ou vermelho?

O tio tinha acompanhado toda a discussão e não entendia porque aquela menininha insistia em dizer que o carro era verde.

- Este carro é vermelho, menina.

A confirmação fez com que todos os meninos se rissem de Aninha, que ofendida pôs-se a chorar e pediu para descer do carro.

- Meninos, não se riam da vossa colega. – Disse o Tio Ito. - Em vez disso, deviam ajudá-la a perceber o que vocês entendem e ela não, porque ninguém gosta de ser motivo de piada.

Depois, parou o carro e falou com Aninha:

- Menina, posso deixar-te descer do carro, mas primeiro quero que me expliques porque é que achas que este carro é verde?

- Tio, no nosso livro de educação visual, na página sobre as cores tem um triângulo pintado com esta cor e na legenda vem que aquela cor é verde. – Explicou ela, ainda a soluçar. – Os livros escolares são feitos pelas pessoas que sabem muito, sabem mais do que todos, e, se eles dizem que esta cor é verde, é porque antes estávamos errados em chamá-la de vermelho.

- Deves não ter lido bem. Ou talvez fosse um exercício, onde tivesses que dizer se a legenda está correcta. – Acalmou-a, o tio Ito.

- Não era exercício, tio. – Retorquiu Aninha.

- Ok, então vamos fazer assim: Quando chegar à casa da Joaninha vou ver o livro dela *de visual* e perceber essa parte da matéria, e a próxima vez que nos encontrarmos, voltaremos a esta conversa. – Com isto encerrou-se o debate sobre as cores.

- Então Fred, queres ter um carro igual ao meu quando cresceres é? – Perguntou o tio, desviando a atenção dos meninos sobre o que acabara de acontecer.

- Sim tio, vou ter um carro igualzinho a este. – Respondeu o menino.

- Para isso tens que estudar muito e prestar sempre atenção nas aulas. – Disse o tio.

- Fred costuma dormir nas aulas. - Disse um outro menino, rindo-se.

- Eu só durmo às vezes. Nos dias de muito calor, porque apanho muito sol a ir para escola. – Justificou-se Fred.

Tio Ito lembrou-se do tempo em que ele próprio era estudante. Caminhava cerca de dez quilómetros para chegar a escola, e nos dias mais quentes era realmente insuportável.

- Nós prestamos atenção. Mas a nossa sala não tem janelas e o barulho lá fora atrapalha-nos. – Justificou-se Joaninha.

- Sabem, quando eu era da vossa idade estudava numa escola sem tecto, nem janelas e nem portas. – Contou o tio.- Víamos as pessoas e os animais que passavam pelo caminho. Ouvíamos nitidamente as conversas. Mas apesar disso sempre tentávamos concentrar-nos no que os professores falavam. - Tio Ito fez uma pausa. Na verdade era muito difícil estudar naquelas condições. Era preciso muita força de vontade para não desistir.

Tio Ito estacionou o carro na esquina da rua onde viviam os colegas de Joaninha. Ao descer, Fred gritou:

- Eu vou concentrar-me mais e vou estudar muito para ter este carro.

- Boa sorte, Fred. – Disse tio Ito, voltando a colocar o carro em andamento.

De repente Joaninha sentiu-se sacudida e soltou um grito.

- Desculpa filha, esqueci-me daquele buraco na estrada.

– A culpa não é sua, tio. É do município. – Disse Joaninha – Eu sei disso porque ouvi papá a conversar com o amigo dele, e ele dizia que a culpa dos buracos é do município.

O tio sorriu. As crianças reproduzem o que ouvem dos pais, mesmo sem entender nada do que eles dizem.

- Sabes Joaninha, as pessoas culpam ao Estado e ao Município por tudo. Mas para o Município e o Estado construírem escolas, arranjarem estradas e fazerem todas as coisas boas para a cidade e para o país precisam de dinheiro dos impostos. E as pessoas que reclamam, às vezes, nem pagam nada.

Quando terminou de falar estavam a chegar à casa. Estacionou e desceram. Depois da saudação habitual, o pai e o tio de Joaninha sentaram-se à sombra da mangueira.

- Então mano, finalmente a ponte foi reaberta. – Comentou o pai de Joaninha.

- É verdade. Foram dias complicados.- Respondeu tio Ito.

- Acho que a Joaninha foi quem mais sofreu com a queda dessa ponte. – Disse o pai e ambos riram as gargalhadas.

O tio Ito era a pessoa mais importante da sua família. Tinha ido para Maputo para formar-se em Medicina, antes de Joaninha nascer, e tinha voltado, anos depois e formado, para trabalhar como médico numa ONG[7] em Mocuba, quando ela já estava na terceira classe escolar. Deste então, mandava-lhe muitas prendas bonitas sempre que pudesse. Naquela semana, o autocarro de Mocuba tinha ficado do outro lado da ponte que desabou por causa da chuva. Aquela carrinha transportava mais um dos presentes do tio Ito, uma bicicleta, há muito prometida. Depois de esperar tanto e ansiosamente pelo autocarro, informaram-lhe que a bicicleta desaparecera num dos sete dias que a viatura permaneceu parada a espera da reparação dos dois metros de estrada da ponte.

- Imagino o desapontamento dela. Mas amanhã, sendo sábado, irei com ela a loja para escolher uma bicicleta pessoalmente. – Disse o tio.

- Muito obrigado, mano. Tens ajudado bastante.

O pai de Joaninha sustenta a família trabalhando como taxista de bicicleta, e o seu irmão tem ajudado fazendo o rancho mensal e em outras despesas, sempre que possível. Além de Joaninha tinha mais um casal de filhos. O rapaz trabalha como empregado doméstico numa casa, onde passa os dias e só passava os domingos em casa. A menina, era a filha mais velha e já vivia maritalmente com o chefe do quarteirão onde viviam, um jovem inteligente e cheio de ideias inovadoras mas que nunca eram implementadas.

---

7 Organização Não Governamental.